

TRABALHO ANÁLOGO AO DE ESCRAVO E RESISTÊNCIA NO ROMANCE TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Henrique Roriz Aarestrup Alves¹
Kelly Pellizari²

Resumo: A colonização do Brasil pelos portugueses trouxe consigo a necessidade de mão de obra para explorar as vastas terras descobertas, e a escravidão foi introduzida como uma forma de suprir essa demanda, inicialmente com os povos indígenas e, posteriormente, com a chegada em massa de africanos escravizados. Apesar das adversidades, a sociedade escravocrata no Brasil também testemunhou constantes atos de resistência por parte dos escravizados. Nesse sentido, o romance de Vieira Júnior aborda questões sobre a vida no sertão nordestino do Brasil, incluindo a do trabalho ao apresentar a jornada das duas irmãs que trabalham na fazenda Água Negra. A metodologia desse trabalho foi de cunho qualitativo, utilizando-se de pesquisa bibliográfica para fundamentar a análise dos elementos da narrativa literária relacionados às questões do trabalho análogo ao de escravo. Conclui-se, portanto, que o trabalho análogo ao de escravo persiste, evidenciando a continuidade da exploração e a violência contra afrodescendentes, mesmo após a Abolição de 1888.

¹ UNEMAT. Doutor em Letras pela PUC Minas, professor do Programa de Pós-graduação em Letras- PPGA Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

E-mail: henriqueroriz@unemat.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0500060213517646>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1118-4661>

² UFMT. Doutora em Administração pela PUC Minas, professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT.

E-mail: kyp1_pl@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5766718390054957>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5703-6165>

Palavras-chave: Trabalho escravo contemporâneo. Resistência. Violência. Torto arado. Itamar Vieira Júnior.

WORK ANALOGOUS TO SLAVERY AND RESISTANCE IN THE NOVEL TORTO ARADO, BY ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Abstract: The colonization of Brazil by the Portuguese brought with it the need for labor to explore the vast discovered lands, and slavery was introduced as a way to meet this demand, initially with indigenous peoples and, later, with the mass arrival of enslaved Africans. Despite the adversities, the slave society in Brazil also witnessed constant acts of resistance on the part of the enslaved. In this sense, Vieira Júnior's novel addresses issues about life in the northeastern hinterland of Brazil, including work by presenting the journey of the two sisters who work on the Água Negra farm. The methodology of this work was of a qualitative nature, using bibliographical research to support the analysis of the elements of the literary narrative related to issues of work analogous to slavery. It is concluded, therefore, that work similar to slavery persists, highlighting the continuity of exploitation and violence against people of African descent, even after the Abolition of 1888.

Keywords: Contemporary slave labour; Resistance; Violence; Torto arado; Itamar Vieira Júnior.

A sociedade escravocrata no Brasil, desde a colonização, foi um sistema baseado na exploração e dominação de pessoas negras trazidas da África. A prática da escravização foi importante para o desenvolvimento econômico e social do país, influenciando profundamente em várias esferas da vida brasileira. A colonização do Brasil pelos portugueses trouxe consigo a necessidade de mão de obra para explorar as vastas terras “descobertas”, e a escravidão foi introduzida como uma forma de suprir essa demanda, inicialmente

com os povos indígenas e, posteriormente, com a chegada em massa de africanos escravizados.

A sociedade escravocrata no Brasil se sustentava principalmente pela produção agrícola, como de açúcar, de café e de tabaco, além da exploração de ouro e de pedras preciosas. A mão de obra escrava era fundamental para o funcionamento dessas atividades econômicas, garantindo a acumulação de riquezas para os senhores de engenho, fazendeiros e comerciantes (FAUSTO, 1994).

A sociedade escravocrata estava estratificada em uma rígida hierarquia racial, na qual os brancos proprietários de escravos ocupavam o topo, seguidos pelos libertos e, por último, os escravizados africanos. Essa estrutura perpetuava a desigualdade social e a marginalização dos negros oriundos da África. Dessa maneira, os escravizados enfrentavam condições de vida extremamente precárias, sujeitos a castigos físicos, exploração extrema do trabalho e restrições às suas liberdades. Nesse sentido, a exploração da força de trabalho, combinada com a violência e a desumanização, contribuía para a manutenção do sistema vigente.

Apesar das adversidades, a sociedade escravocrata no Brasil também testemunhou constantes atos de resistência por parte dos escravizados. Dessa maneira, desde a organização de quilombos, como o famoso *Quilombo dos Palmares*, até as insurreições e fugas individuais, os escravizados manifestaram sua luta pela liberdade e a negação de sua condição de propriedade. Boris Fausto, em sua obra intitulada *História do Brasil*, afirma que:

Seria errôneo pensar que, enquanto os índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações en-

tre senhores e escravos, desde os primeiros tempos. Os quilombos, ou seja, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial. Palmares – uma rede de povoados situada em uma região que hoje corresponde em parte ao estado de Alagoas, com vários milhares de habitantes – foi um desses quilombos e certamente o mais importante. Formado no início do século XVII, resistiu aos ataques de portugueses e holandeses por quase cem anos, vindo a sucumbir, em 1695, às tropas sob o comando do bandeirante Domingos Jorge Velho (FAUSTO, 1994, p. 52).

O historiador aponta para o fato de que a escravização dos negros oriundos da África não ocorrera sem resistências, e os quilombos confirmariam isso, pois, além de ser um estabelecimento que acolhia o escravizado que fugira dos senhores de engenho e do trabalho compulsório, também resgatava práticas e elementos da cultura africana, o que se fazia importante para a afirmação de sua identidade cultural.

O movimento abolicionista ganha força no Brasil somente a partir do século XIX, influenciado por ideais iluministas e pela pressão internacional. A Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885) e, finalmente, a assinatura da Lei Áurea (1888) marcaram o fim formal da escravidão no país (FAUSTO, 1994). Entretanto, formas de resistência à opressão terão continuidade mesmo após a abolição formal da escravatura em 1888, pois a situação sócia econômica dos negros descendentes de escravos ainda será precária, tanto em grandes cidades (basta lembrar das favelas) quanto no campo, tendo em vista a existência até os dias de hoje do trabalho análogo ao de escravo que ainda assola muitos trabalhadores rurais contemporâneos. É neste tipo de contexto que se passa a narrativa de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, que apresenta a questão do trabalho extremamente precarizado e as

resistências a ele. Pode-se dizer que a exploração e o domínio dos africanos escravizados sustentaram a economia e a riqueza de uma elite branca, gerando desigualdades até os dias de hoje na sociedade brasileira, o que está representado na obra de Vieira Júnior. Nesse contexto, esse artigo evidenciará que o trabalho análogo ao de escravo permeia toda a narrativa de *Torto Arado*. Em *Água Negra*, essa prática ilegal ignora a Abolição de 1888 e as leis republicanas que a proíbem, mantendo a realidade de trabalho não remunerado e maus-tratos físicos e psicológicos. Perceber-se-á que a Lei Áurea, portanto, não conseguiu integrar os negros libertos à sociedade nem os livrar das violências que afetaram suas vidas; no entanto, foi essencial na promoção de afrodescendentes brasileiros como protagonistas de seus próprios processos identitários pelo viés da defesa de suas crenças e tradições.

Interessante, nesse momento, trazer uma pequena biografia do autor Itamar Vieira Júnior, autor da obra *Torto Arado*, que será objeto de análise desse trabalho. Itamar Vieira Júnior é um renomado romancista brasileiro. Nascido em Salvador, Bahia, ele contribui significativamente para a literatura contemporânea brasileira por meio de suas obras que exploram as complexas questões de raça, identidade e justiça social. Vieira Júnior é graduado em geografia pela Universidade Federal da Bahia em 2002 e publicou coleções de poesia e ensaios que abordam questões sociais, oferecendo novas perspectivas sobre exclusão social e marginalização. Em sua carreira como escritor, publicou as seguintes obras: *Dias* em 2012 (contos); *A oração do carrasco* em 2017 (contos); *Torto arado* em 2019 (romance); *Doramar ou a odisseia: histórias* em 2021 (contos) e *Salvar o fogo* em 2023 (romance).

Sua carreira literária alavanca quando ele ganha um prêmio em Portugal com *Torto Arado*:

Já seu impactante romance *Torto arado* (2018) conquistou em Portugal o prestigioso Prêmio LeYa, concedido por unanimidade pelo modo como representa de forma sólida e realista o universo rural brasileiro. O enredo enfatiza trabalhadores sem-terra remanescentes do regime escravista, em especial as personagens femininas duplamente vítimas da violência que impera nos grotões mais afastados, realidade representada por meio de uma sensível e sofisticada escrita, como bem notaram os jurados do concurso em sua nota de justificativa: O Prêmio LeYa 2018 é atribuído ao romance “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior, pela solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal. Sendo um romance que parte de uma realidade concreta, em que situações de opressão quer social quer do homem em relação à mulher, a narrativa encontra um plano alegórico, sem entrar num estilo barroco, que ganha contornos universais. Destaca-se a qualidade literária de uma escrita em que se reconhece plenamente o escritor. Todos estes motivos justificam a atribuição por unanimidade deste prêmio (BRASIL, 2023)

Premiada por sua alta qualidade estética, essa obra lança luz sobre as consequências do processo histórico da escravidão no Brasil ao mergulhar nas vidas de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que nascem em “cativeiro” e enfrentam as duras realidades de suas existências como “escravizadas” contemporâneas. O romance destaca o impacto psicológico e físico do trabalho tão altamente precarizado que se torna análogo ao da escravidão, explorando também temas de resistência e luta contínua contra as opressões, injustiças e violências produzidas nesse contexto.

Torto Arado, portanto, aborda questões sobre a vida no sertão nordestino do Brasil, incluindo a do trabalho, apresentando a jornada das irmãs Bibiana e Belonísia, que trabalham na fazen-

da Água Negra. Na narrativa, o trabalho é um elemento central da vida dos personagens, e é um tema recorrente que revela as complexidades da sociedade brasileira e a herança da escravidão. Este artigo pretende, assim, analisar a representação do trabalho análogo ao de escravo nesse romance, e como ele se configura nas relações sociais ali presentes.

A narrativa de *Torto Arado* gira em torno das atividades das irmãs como trabalhadoras rurais na fazenda mencionada. O texto traz as tarefas diárias das personagens, destacando a importância do trabalho na construção da identidade das personagens e na manutenção da cultura sertaneja desde crianças:

Tínhamos quase a mesma idade. Andávamos juntas pelo terreiro da casa, colhendo flores e barro, catando pedras de diversos formatos para construir nosso fogão, galhos para fazer nosso jirau e nossos instrumentos de trabalho para arar nossas roças de brinquedo, para repetir os gestos que nossos pais e nossos ancestrais nos haviam legado (JÚNIOR, 2019, p. 14).

As raízes desse problema apresentam ligação com a herança da escravidão no Brasil, pois a fazenda é uma antiga propriedade escravagista, o que se mostra claramente nas desiguais relações de poder e na forma como os trabalhadores são tratados. Elementos da época da escravidão estão representados na narrativa, evidenciando a desigualdade social e a exploração contínua dos trabalhadores rurais, assim como a resistência:

Mas se desse para dar aos animais, eu dava, só para não deixar que ele levasse meu suor, minhas dores nas costas, meus calos nas mãos e minhas feridas nos pés, como se fosse algo seu. (JÚNIOR, 2019, p. 146).

Essa passagem da narrativa ilustra a resistência do trabalhador rural, que prefere dar para a animália partes da produção de alimentos do que deixar para o patrão ou seu capataz. Interessante observar que a personagem liga os alimentos ao seu próprio corpo e esforço de trabalho quando cita seu “suor”, suas “dores nas costas”, seus “calos” e “feridas nos pés”. Percebe-se que a corporeidade da personagem se estende para a terra e para os alimentos produzidos com seu trabalho e esforço, ou seja, são elementos sentidos como se fossem partes de si e de seu próprio corpo. Ao rejeitar fornecer os alimentos ao capataz da fazenda, a personagem tenta manter a sua integridade física e cultural, construindo, mesmo que de forma desigual, alguma resistência dos trabalhadores que se faz presente nas relações sociais de trabalho.

Importante lembrar que, quando libertos, os escravos não obtiveram nenhuma ajuda governamental, o que resultou em retorno de muitos às fazendas onde trabalhavam, recebendo salários baixíssimos e em péssimas condições. Muitos escravos foram largados no ambiente urbano por senhores de engenho, definhando nas ruas sem roupas ou vestidos apenas com trapos, o que dificultava sua sobrevivência e acesso a um emprego formal. Além disso eram analfabetos, o que os direcionava para aos trabalhos braçais. Embora tenha libertado os negros das senzalas, o governo brasileiro e os senhores de engenho não criaram condições para que o antigo escravizado se integrasse à sociedade (CHALHOUB, 1996).

Na condição de herdeiros desse processo histórico e social, os trabalhadores da Fazenda Água Negra, na narrativa de Vieira Júnior, vivem em condições insalubres. Uma vez que não era a eles permitido edificar suas casas com material de boa qualidade, mora-

vam em casas de barro ou de pau-a-pique. Mesmo que tivessem uma pequena roça própria, o trabalho nela não deveria ser priorizado, de modo que as atividades inerentes às necessidades do dono da fazenda é que ficavam em primeiro plano. No texto, os trabalhadores também não recebem salário, apenas comida e a precária moradia para se acomodarem com suas famílias. Dessa maneira, para esses personagens do romance, a abolição da escravidão não fez muita diferença, pois continuaram a ser explorados na forma de trabalho análogo ao de escravo.

Necessário se faz conceituar teoricamente, nesse momento, trabalho análogo ao de escravo. Segundo o art. 149 do Código Penal Brasileiro, o trabalho análogo a de escravo:

(...) é caracterizado pela submissão de alguém a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto (BRASIL, 2018).

Se a legislação brasileira não permite trabalho sem remuneração e nem exploração extrema, pode-se considerar então que a narrativa de *Torto Arado* apresenta, sim, trabalho análogo ao de escravo, pois os personagens trabalhadores não têm remuneração salarial e ainda são obrigados a sobreviverem em condições degradantes, sem água tratada, morando em casas de barro ou de pau-a-pique, e ainda a cumprir jornada exaustiva de trabalho. Claro que os personagens não se submetem a esse processo sem reação, mesmo que em nível desproporcional às intensas violências exercidas pelos donos da fazenda.

Apesar desse contexto de opressão, a comunidade resiste, seja na forma de críticas à ganância de seus patrões, seja por meio de

seus rituais mítico-religiosos. Em determinado momento, por exemplo, Bibiana e Belonísia escutam uma conversa:

Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores” – disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta. “Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana.” Poderiam muito bem comprar batata e feijão no armazém ou na feira da cidade (JUNIOR, 2019, p. 45).

Pode-se notar uma percepção crítica das personagens sobre a situação injusta em que viviam, tendo que abrir mão de boa parte de sua produção aos patrões sob pena de serem expulsos da fazenda caso não obedecessem. Já Zeca era considerado um funcionário exemplar por acatar e realizar as ordens dadas pelos latifundiários. De qualquer maneira, em ambos os casos, a obediência ocorre não por concordarem com as injustiças, mas por forte opressão e ameaça às suas vidas. Nesse sentido, esses trabalhadores não se encontrariam resignados e conformados com as imposições dos patrões e capatazes por livre e espontânea vontade, e sim devido ao medo de comprometerem suas próprias vidas e sobrevivências, permanecendo, em certa medida, controlados e silenciados. De qualquer maneira, esse processo não ocorreria sem resistências e críticas feitas pelo grupo minoritário.

Em outra passagem da narrativa, a comunidade dos trabalhadores realiza uma celebração religiosa:

Nessa noite, fiquei ao lado das filhas de santo que o ajudavam a se trocar durante a celebração. Os tocadores aqueceram seus tambores na fogueira acesa no terreiro. A primeira a chegar, após a ladainha e a saraivada de fogos, foi justamente a dona da festa, Santa Bárbara; a caixa trazida por

Dona Tonha continha a saia vermelha, o adê e a espada de Inhasã, todos os adornos que a santa vestiria. O quarto dos santos, onde rezavam a ladainha, tinha velas acesas e uma profusão de cores das imagens e bonecas. Havia imagens de gesso e madeira de diferentes tamanhos e estados de conservação (JUNIOR, 2019, p.109).

A festa de Santa Bárbara realmente acontece na Bahia, como se pode evidenciar na citação abaixo, ilustrando forte tradição e relação entre a religião católica e de matrizes africanas. A participação ativa dos negros na construção da Igreja em Salvador ilustra a importância desse grupo minoritário:

A Festa de Santa Bárbara remonta ao ano de 1639, quando o casal Francisco Pereira e Andressa Araújo construiu capela devocional no comércio às margens da Baía de Todos os Santos, em Salvador. Desde então a festividade, transferida para o Pelourinho, tornou-se não somente fonte de fé para católicos como também para adeptos da religiosidade de matrizes africanas, que chegam de diversos estados brasileiros e até de fora do Brasil para participar da festa e procissão em Salvador. A programação inclui tríduo de celebrações eucarísticas e termina na Igreja do Rosário dos Pretos. A igreja e seus bens móveis, como as imagens dos santos, pinturas do teto e azulejos foram restaurados pelo IPAC ao custo de R\$ 2,6 milhões no início da década de 2010. Autarquia da Secretaria de Cultura do Estado (SecultBa), o IPAC recebeu nessa época recursos do Tesouro Estadual e do programa federal Prodetur, financiamento do Banco Interamericano, via Ministério do Turismo e Secretaria do Turismo, e investimento do Banco do Nordeste. A exposição permanente que existe no corredor lateral da Igreja do Rosário dos Pretos também aconteceu graças ao Edital de Museus do IPAC. A mostra é uma homenagem à Irmandade e à Venerável Ordem Terceira do Rosário às Portas do Carmo, nome da entidade, fundada por descendentes de escravos e ex-escravos que construíram a igreja (BRASIL, 2023)

Percebe-se, tanto na passagem da narrativa quanto na citação obtida do site da Secretaria de Cultura da Bahia, a presença do sincretismo que mescla elementos religiosos católicos e de matriz africana, o que pode ser considerado também uma forma de resistência

cultural na medida em que traduz e se apropria de parte da cultura hegemônica de acordo com as necessidades de proteção espiritual e de sobrevivência do próprio grupo minoritário. Em *Torto arado*, essas atividades religiosas compõem uma tradição que estruturam a identidade cultural do grupo de trabalhadores da região e consequentemente auxiliam em sua resistência às opressões diversas. Nesse sentido, a narradora, por exemplo, aponta para a sua própria história e para a de seu povo, além de apresentar consciência sobre a importância de sua narrativa:

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade (JÚNIOR, 2019, p. 170).

A protagonista percebe que o fato de construir a própria narrativa teria o potencial de influenciar a percepção de outros membros de grupos de trabalhadores em semelhante situação de opressão e, assim, resistirem mais às péssimas condições de trabalho a que estavam expostos. Com esse tipo de consciência crítica sobre os processos sociais em que estão envolvidos, esses trabalhadores apresentam voz ativa e se fazem sujeitos de sua própria história, como a personagem Belonísia. O retorno de Bibiana e Severo da cidade para a fazenda pode ser considerado como um elemento decisivo para que isso aconteça, pois o casal teve acesso a um conhecimento fora dos

limites da Fazenda Água Negra: ela se torna professora e ele sindicalista. Ambos ajudam a desmascarar os discursos que naturalizavam o sistema injusto de exploração do trabalho:

Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo. Eu fui apanhando cada palavra da fala de Severo, das muitas vezes que o vi contar, para guardar em meu pensamento (JUNIOR, 2019, p. 178-179).

Munida de mais consciência crítica, Belonísia reforça sua capacidade de resistência, que se torna uma importante ferramenta nesse combate ao trabalho análogo ao de escravo e às agrúrias sociais que o acompanham. Entretanto, ao final da narrativa, o assassinato de Severo tenta silenciar essa tentativa de tomar as rédeas de seus próprios destinos. Santa Rita Pescadeira narra esse desfecho como uma voz mítica que representa e resgata a tradição cultural de seu povo:

Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver os homens derramando sangue para destruir sonhos. Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Acudi uma mulher que incendiou seu próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos. Que davam a liberdade aos que seriam cativos, e muitas delas morreram também por isso. Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos que seriam vendidos (JUNIOR, 2019, p. 206-207).

Santa Rita Pescadeira traz as atrocidades violentas sofridas pelos escravos e descendentes ao longo da história, compondo uma voz que resgata a ancestralidade desse povo carregada de sofrimentos físicos e psicológicos, ou seja, a personagem conta uma outra história à contrapelo daquela oficial, que muitas vezes escamoteia

injustiças e violências cometidas por forças hegemônicas. Nesse sentido, a literatura tem a capacidade de apresentar uma outra narrativa tão digna de crédito quanto qualquer outra tida como mais prestigiada socialmente. Nesse sentido, Santa Rita Pescadeira se coloca como uma voz da tradição e por isso possuiria autoridade e legitimidade para apresentar seu percurso e o de seu povo:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes (JÚNIOR, 2019, p. 187).

Essa voz ancestral resgata os acontecimentos históricos desde o início da colonização, atravessando os tempos via memória, o que reafirma sua narrativa como um registro coletivo do sofrimento imposto aos povos advindos da África para trabalharem como escravos nas fazendas de engenho do Brasil. O “rio bravo”, na passagem acima, simboliza o próprio fluxo inexorável do tempo e da vida, que escapa ao controle dos personagens e da própria Santa Rita Pescadeira, ou seja, como consequência dessa “luta desigual” tem-se a “derrota dos sonhos”, ligados talvez à conquista de direitos que possibilitassem viver efetivamente em uma terra mais harmônica, justa e pacífica. Ironicamente, a personagem apresenta-se como uma voz que ecoa de tempos antigos e imemoriais, desafiando o tempo e a própria morte.

Interessante notar que Belonísia incorpora postura de contestação, pois não aceita a posição de submissão da geração anterior à sua,

mostrando que não retrocederá em suas decisões de rejeição ao sistema de injustiças e opressões. Dessa maneira, a postura de subalternidade e submissão, na narrativa, vai cedendo a uma consciência crítica e sentimento de inconformidade com a realidade da forma como lhe é imposta, fomentando combates com potencial de promover mudanças. Nesse sentido, a personagem não se interessava pela escola que ensinava o currículo formal com a história oficial dos portugueses e bandeirantes que colonizaram o Brasil, e sim pelas atividades de trabalho cotidiano que envolviam a cultura popular da região:

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa (JÚNIOR, 2019, p. 83).

A narrativa constrói nesse momento uma fina ironia ao sistema educacional público feito para atender as classes mais desfavorecidas, na medida em que Belonísia não encontra sentido nos conteúdos disciplinares ministrados pela professora. A personagem não faz conexões entre o que é ensinado na escola e sua realidade, ou seja, não constrói significados capazes de redimensionar seu contexto sócio cultural. Além disso, essa falta de identidade com a escola aponta também para o fato de que esses trabalhadores rurais nunca foram devidamente contemplados pelas instituições re-

publicanas (que dirá pelas do Império) que deveriam acolhê-los, alijando-os da sociedade. Porém, a passagem aponta para a necessidade de dialogar melhor com os estudantes, não apenas em nível de conteúdo como também didático, no sentido de promover uma educação mais humanizada e conscientizadora.

Mais adiante, Belonísia recebe notícias de Bibiana através de uma carta:

Parecia que o bilhete havia sido escrito com uma caneta fraca. Estavam todos bem, trabalhavam em uma fazenda na região de Itaberaba. Bibiana se aproximava de ganhar criança. Gostaria que nossa mãe fizesse o parto, tentaria voltar para o nascimento, mas se não desse, viriam no fim do ano. Severo estava trabalhando no corte de cana, tinha feito amizade com gente do sindicato. Tinham notícias da chuva que havia encerrado o longo período de seca, porque lá também chovia. Que iriam tentar guardar dinheiro para comprar um pedaço de terra. Queriam ser donos da própria terra. Estavam bem, não lhes faltava nada. Que no início do próximo ano ela iria fazer um supletivo voltado para trabalhador rural e logo poderia fazer o magistério para ser professora. Perguntava por mim, Domingas e Zezé. Dizia que sentia falta de todos. Logo mandaria notícias (JÚNIOR, 2019, p. 88).

Bibiana pretendia conquistar autonomia social e econômica ao intentar, juntamente com seu marido, comprar um pedaço de terra; queria também exercer o magistério voltado para o trabalhador rural. Interessante apontar para o fato de a personagem se comunicar com sua família através da escrita de um bilhete, mesmo que por uma “caneta fraca”, que pode simbolizar a fragilidade dessa linguagem diante de forças tão poderosas como as dos latifundiários. Porém, mesmo que frágeis, os enfrentamentos e suas graves consequências ocorreram, como o assassinato de líderes sindicais e opositores dos fazendeiros: “Os homens replicaram para as mulheres e a notícia correu de casa em casa e pela estrada, com a velocidade

das más notícias. Salomão estava morto” (JÚNIOR, 2019, p. 222). Severo, marido de Bibiana, também fora assassinado. Esses e outros crimes de morte ocorreram por causa de posturas emancipatórias dos trabalhadores rurais que iam contra os interesses dos donos da Fazenda Água Negra, os quais agiam no sentido de os manterem presos nas fortes teias do trabalho análogo ao de escravo.

Mesmo com intimidações, ameaças e violências, falava alto, também, a necessidade de se construírem como agentes ativos nesse processo de retomada de suas tradições culturais e de suas vozes para viabilizarem um percurso histórico próprio que, se não lhes trazem sua emancipação social imediata e efetiva, pelo menos promove resistência, consciência crítica e integridade cultural, na medida em que se identificam uns nos discursos e ações dos outros, além de se acolherem, mesmo aqueles que não seriam parentes diretos.

O trabalho análogo ao de escravo, portanto, está presente em toda a narrativa de *Torto Arado*. Em Água Negra essa atividade ilegal insiste em não reconhecer a Abolição da escravatura de 1888 e nem as leis e instituições republicanas atuais que proíbem essa prática, pois ali persistem trabalho não remunerado, além de maus tratos físicos e psicológicos. A Lei Áurea, nesse sentido, não integrou as pessoas negras escravizadas à sociedade e nem as livrou de mazelas e violências que comprometeram sua existência e sobrevivência; porém, permitiu que afrodescendentes brasileiros iniciassem um processo de busca por suas próprias vozes, vidas e destinos de acordo com suas crenças e tradições culturais. Se os patrões donos de fazendas queriam fazer crer que a forma injusta de exploração do trabalho e de tratamento seria a única possível para esses trabalhadores, os quilombos antigos e os quilombolas de hoje são a prova viva de que

vale a pena lutar por mudanças e é possível caminhar no sentido de reconhecimento e conquista de direitos.

Referências bibliográficas

CHALHUB, Sidney. **Cidade febril. cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DIAS, Luiz Sérgio. **A história dos povos sem história**. Rio de Janeiro: Cadernos do terceiro mundo, vol. 20, n. 182. p. 16-19, fev., 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994.

FRAGA, Walter. Pós-abolição; o dia seguinte. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

MAC CORD, Marcelo; S. SOUZA, Robério. Trabalhadores livres e escravos. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Referências webgráficas

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/combate-ao-trabalho-escravo/conceitos>. Consultado em: 15 mai 2024.

BRASIL. **Secretaria de Cultura**. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2023/12/22103/Festa-de-Santa-Barbara-abre-calendario-de>

[-festas-populares-na-Bahia-com-grande-celebracao -no-Pelourinho-.html](#)

Consultado em: 15 mai 2024.

BRASIL. Literafro. O portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior> Consultado em: 16 mai 2024.